

O QUE DIZEM E O QUE QUEREM SABER SOBRE SEXUALIDADE ALUNOS/AS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL???

**SOARES, GUIOMAR; RIBEIRO, PAULA COSTA; GAUTÉRIO, DAIANE TEIXEIRA; MACHADO, LIZIANE PEREZ;
SOARES, QUELEM**

Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

<guifreso@vetorial.net>

Palavras chave: Sexualidade; Discursos; Alunos/as; Anos iniciais; Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola desde a sua implementação vem discutido algumas questões relacionadas à educação sexual nos anos iniciais, dentre elas, por exemplo, em qual série ou em que idade se deve “falar” sobre as questões vinculadas à sexualidade e se essas fazem parte dos conteúdos escolares. Em eventos (seminários, congressos) onde as representantes do Grupo têm exposto seus trabalhos, se constatou um interesse muito grande no sentido de saber a respeito das representações e discursos sobre a sexualidade dos/as alunos/as dos anos iniciais. Tendo em vista esse fato, este trabalho pontuou como objetivo conhecer os discursos sobre sexualidade de alunos/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental de algumas escolas da rede pública de Rio Grande/Brasil.

Neste estudo, estamos entendendo a sexualidade como uma construção sócio-histórica e não como algo inerente ao ser humano, “natural”. Nesse sentido, a sexualidade integra comportamentos, linguagens, crenças, escolhas, posturas e identidades que se relacionam segundo algumas estratégias de poder/saber (Foucault, 1997; Louro, 1997; Weeks, 1993).

MARCO TEÓRICO

Falar da sexualidade na escola nem sempre é fácil, geralmente acabamos falando sobre atos sexuais, funções do corpo humano, métodos anticoncepcionais, prevenção de doenças... Falar da sexualidade não como uma questão pessoal e privada, mas como uma produção histórica, uma questão social e política, na qual se exercem relações de poder é a perspectiva deste estudo.

Para Louro (1997, p.141), abordar a sexualidade de uma outra forma implica mudanças significativas, o que não é tarefa fácil nem trivial, “[...] trata-se de assumir que todos os sujeitos são constituídos socialmente, que a diferença (seja ela qual for) é uma construção feita – sempre – a partir de um dado lugar (que se toma como norma ou como centro). É preciso, pois, pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural”.

Na nossa sociedade existe uma variedade de instâncias – igreja, família, medicina, escola – que tratam da sexualidade, que nos fazem pensar sobre ela a fim de escutar, registrar e redistribuir o que dela se diz.

Embora muitos afirmem que a escola não fale sobre a sexualidade das crianças e dos adolescentes, Foucault (1997, p. 31-32) nos diz o contrário. Desde o século XVIII a instituição pedagógica

concentrou as formas do discurso nesse tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar do sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso.

Segundo Foucault, a partir do fim do século XVII o sexo foi colocado em discurso. Em vez de uma restrição, o que se viu foi um mecanismo crescente de incitação, processo que se intensificou no século XIX com o nascimento das ciências humanas. Para o autor, houve uma explosão discursiva “em torno e a propósito do sexo” (1997, p. 21). Nessa explosão discursiva, houve um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações, definiu-se onde e quando falar sobre sexo, em quais situações, quais os locutores e interlocutores. Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade – falando intensamente sobre ela.

Nesse sentido, não há um silêncio na escola em relação à sexualidade, não há um mutismo, “aquilo que se recusa a dizer ou que se proíbe mencionar” (ibid., p. 30). O que vem ocorrendo é o funcionamento do mecanismo de interdição, ou seja, pode-se falar de sexualidade das crianças, dentro de regras que controlam e legitimam o discurso autorizado, como: o biológico, o da família-reprodução, da criança inocente-assexuada e o pedagógico.

No discurso biológico, presente na escola, o corpo é concebido como pura anatomia, em que a sexualidade se reduz ao conhecimento das estruturas dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Nesse discurso, a sexualidade é concebida como genitalidade – um atributo biológico – compartilhado por todos os seres humanos independentemente de sua história e cultura.

Relacionado ao discurso biológico está presente o discurso da família-reprodução, em que a sexualidade é representada conforme o modelo adulto, vinculada à reprodução, à formação de uma família. Neste modelo, a sexualidade encontra-se relacionada à procriação, por conseguinte, à copulação, sendo uma razão justificável para as relações sexuais e para a formação de uma família constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Nas escolas, este é o modelo dado como “normal” e “natural”, enquanto que os outros arranjos familiares e as outras formas de exercer a sexualidade não aparecem ou são representados como “não-natural” e “anormal”.

A escola, fundada no discurso da inocência-pureza das crianças, argumenta que não há necessidade de falar sobre sexualidade na sala de aula, já que não há nada para dizer, nem para escutar, nem para saber sobre sexualidade. Esse discurso tem como principal pressuposto a idéia da criança demasiado inocente, muito imatura e muito pequena para se falar de sexualidade. Desta forma, muitos professores/as pensam que se falassem da sexualidade com as crianças estariam despertando-as precocemente, uma vez que o conhecimento poderia levar à prática. Desconsideram que as crianças têm informações, veiculadas principalmente na mídia, através de novelas, programas, propagandas, músicas, danças, entre outras, ou pela vivência na família, através dos comportamentos sexuais, visíveis e imaginados.

Outro argumento apresentado para não se falar da sexualidade na escola refere-se ao entendimento de que cabe à família “dar” uma educação sexual para as crianças. Segundo Foucault (1999), desde a metade do século XVIII é pela família que os mecanismos de governo devem passar: “quando se quiser obter alguma coisa da população – quanto a comportamentos sexuais, à demografia, ao consumo, etc. – é pela família que se deverá passar” (p. 289).

Mas são apresentados outros argumentos quando se fala de sexualidade na escola, como o fato de as crianças serem consideradas muito curiosas e espertas, justificando que por elas serem assim é que é necessário satisfazer as suas dúvidas, entretanto falando o mínimo possível, regulando o que é dito.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

A fim de problematizar o entendimento da sexualidade como uma essência manifestada pelos processos biológicos do corpo e refletir sobre a sexualidade como uma construção histórica e cultural constituída nas experiências de vida das pessoas, entre elas as vivenciadas nos espaços escolares, no ano de 2000, foi realizado o projeto “Discutindo e refletindo sexualidade-AIDS com professores/as das séries iniciais do Ensino Fundamental” (Ribeiro, 2002).

A implementação deste projeto possibilitou a emergência, em 2001, do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola que vem investigando práticas relacionadas à sexualidade no espaço escolar na tentativa de compreender como as mesmas atuam na constituição das identidades de gênero e sexuais, das configurações familiares, do prazer, do desejo, das DST/AIDS...

O Grupo de Pesquisa vêm discutido algumas questões relacionada à educação sexual nos anos iniciais como: em qual série ou em que idade se deve “falar” sobre as questões vinculadas à sexualidade e se essas fazem parte dos conteúdos escolares. Debates sobre quem “pode” ou quem está “preparado” para falar sobre essas questões. Também discutimos sobre a inclusão dessa temática no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, questão que tem produzido muitas polêmicas, pois alguns consideram que a inclusão estimularia precocemente a sexualidade das crianças e outros, ao contrário, percebem-na muito importante, pois problematizaria as representações de masculino e feminino, o cuidado de si, as identidades sexuais, entre outras

Desde a implementação desse projeto, o Grupo tem procurado investigar os professores/as dos anos iniciais, suas práticas pedagógicas, assim como, seus discursos e representações sobre sexualidade. No entanto, nem só os professores/as se tornaram alvo de pesquisas sobre essas questões. Nos eventos onde os representantes do grupo tem exposto seus trabalhos, se constatou um interesse muito grande no sentido de saber como os alunos/as dos anos iniciais das escolas, onde este trabalho tem sido desenvolvido, reagem às atividades propostas, quais suas representações e discursos sobre esta temática. Nesse sentido, emergiu a necessidade de investigar os discursos sobre sexualidade de alunos/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pretendendo captar-lhes os posicionamentos e a riqueza de suas experiências, expressas no conteúdo de suas narrativas.

Para tanto, foram realizadas 10 oficinas pedagógicas com aproximadamente 350 alunos/as de 3º e 4ª séries do ensino fundamental das escolas municipais do município de Rio Grande, Brasil, com idade entre 8 e 13 anos. O objetivo das oficinas foi oportunizar aos alunos (re)construir aprendizagens e refletir sobre questões vinculadas à sexualidade, situação que nos oportunizou registrar e analisar os posicionamentos dos/as envolvidos/as nas atividades. Todas as oficinas foram gravadas e transcritas para posterior análise. O material produzido nas oficinas (desenhos, textos) foram recolhidos também para análise. Neste estudo analisamos duas atividades:

1ª Atividade: Faz de conta

Objetivo: Identificar as diferenças físicas e sociais estabelecida entre os gêneros.

Estratégias: Alunos/as fecham os olhos e voltam para a barriga da mãe, logo a seguir, eles imaginam que trocam de sexo ao nascer. Após, eles representaram através de desenhos como eles seriam após a troca de sexo. Foi promovida uma reflexão sobre as mudanças que isto traria para a vida de cada um deles, nos seguintes aspectos: corpo, profissão, tipo de diversão, etc.

Narrativas dos/as alunos/as:

Profissões:

Se eu fosse menina:

“seria professora”, “ seria veterinária, mas já que sou menino vou ser marinheiro”, “lugar de mulher é na cozinha”, “seria modelo”, “seria costureira”, “cantora de ópera”.

Se eu fosse menino:

“seria jogar de futebol”, “seria médico”, “seria advogado”, “seria delegado”, “ se eu fosse homem eu me alistaria no quartel e eu seria um homem corajoso e sincero”, “eu queria ser homem porque o homem é melhor que a mulher”, “e o sou secretário”, “eu quero ser professor adoro ler e escrever, “eu quero ser alguém da vida eu não quero ser como muito aí fuma e bebe”.

Tipo de diversão:

Se eu fosse menina:

“jogar bola”, “brincar de boneca”, “jogar caçador”, “pular corda”, “elástico”, “estudar”, “ler”, “fazer compras”.

Se eu fosse menino:

“jogar bola”, “bolinha de gude”, “estudar”, “eu vou pra o baile ou para casa descansar e outro dia eu vou de novo”.

Corpo:

Se eu fosse menina:

“usaria saia ou vestido”, “cabelo comprido”, “roupas com coração”, “com seio”.

Se eu fosse menino:

“teria cabelo curto”, “usaria calça larga”, “camiseta”, “boné”, “tênis”.

2ª Atividade: Minhas dúvidas

Objetivo: Conhecer as dúvidas dos alunos/as sobre sexualidade.

Estratégias: Alunos/as escrevem suas dúvidas sobre sexualidade em um papel, colocam dentro de um balão. Depois de brincar com os balões, estourá-los para o recolhimento das dúvidas.

Narrativas dos/as alunos/as:

Sexualidade

“Amar a família é uma sexualidade e o sentimento?”

“Eu quero saber o que é sexo e órgãos e sexualidade e corpo?”

“Que é sexualidade? É tratar do corpo humano?”

“Mulher pode namorar uma mulher?”

“Eu quero saber o que os homens sentem quando passa a mão na bunda das meninas, e também quero saber como nascem as crianças”

DST/AIDS

“Quando uma pessoa quer fazer um filho, mas tem AIDS o que acontece?”

“Como pode passar a doença de um para o outro e quanto a relação?”

“Eu gostaria de saber se o vírus da Aides é transmitido pela boca.”

Camisinha

“Como evitar para a camisinha não furar?”

“Eu queria saber o que é bota uma camisinha?”

“Eu quero saber como a mulher fica grávida sem o homem tirar a camisinha. O que acontece com ele ou com os dois?”

“Camisinha é a coisa mais importante na hora do sexo?”

Biológico

“Quem menstrua uma vez fica grávida?”

“Como que o homem faz o espermatozóide entrar dentro da mulher?”

“Eu quero saber o que é orgasmo?”

“Como se transa?”

“Com o penis bastante grande é mais fácil se ter filhos?”

CONCLUSÕES

Analisar essas narrativas tem nos possibilitado refletir e questionar o quanto a temática sexualidade precisa ser repensada no espaço escolar porque esse é um local em que a permanência dos/as alunos/as é significativa e propiciadora de intensa troca de experiências e reflexões sobre questões como as identidades de gênero e sexuais, as configurações familiares, o prazer, o desejo, as DST/AIDS.

Conhecer as representações de gênero que apareceram: os meninos de bonés, de bermuda, com bola e bicicleta, skate e as meninas com saias, sapato alto, cabelo comprido, como muitos corações e flores, vestido de noiva, etc, tornou visível o funcionamento de diversos atributos sociais definidores de masculinidade e feminilidade – comportamentos, falas, gestos, condutas e posturas – que ao serem inscritos nos corpos passam a serem ditos como próprios da essência do homem e da mulher.

Foi possível verificar que as dúvidas dos alunos/as estão focalizadas nas questões mais biológicas do que afetivas e sociais, visto que, nas práticas escolares, o discurso biológico tem ocupado um espaço privilegiado em relação a outros, em que a sexualidade está prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS.

Também foi possível perceber que os alunos/as possuem muitas dúvidas, conseguindo colocá-las, embora sua faixa etária (entre 8 e 13 anos) e o nível de adiantamento do grupo (3ª e 4ª série) possa levar a supor, tivessem eles vergonha de expô-las, em razão de questões culturais que consideram a sexualidade um tabu, algo vergonhoso e que deve ser falada em espaços privados e não públicos como a escola.

As professoras quando presentes nas oficinas não deixaram os alunos/as à vontade para perguntarem, e interferindo o tempo todo dizendo “se comportem”, “digam as coisas educadamente”, “façam as atividades”.

Embora os discursos vêm apontando para o fato de as crianças serem inocentes e assexuadas foi possível perceber, através das narrativas, que as mesmas possuem muitas informações e conhecimentos sobre essa temática, mas apresentam muita necessidade de que a mesma seja discutida sob outro enfoque, abordando questões como amor, desejo, prazer, namoro, transar, ficar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. (1997). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- . (1999). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- LOURO, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- RIBEIRO, P. R. C. (2002). *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Porto Alegre, p. 113, Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- WEEKS, J. (1993). *El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas*. Madrid: Talasa.